

APOTHEKE/DEWEY E O PENSAMENTO PINTADO COMO AÇÃO INVESTIGATIVA E FORMATIVA¹

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2023.10.01.166-173>

Marta Lucia Cargnin Facco²

RESUMO: O texto apresenta reflexões sobre a construção do pensamento pictórico, em meio ao ateliê de pintura e o desenvolvimento da prática estética do artista professor, situado no contexto investigativo do Grupo Estúdio de Pintura Apotheke. O pensar pintura, advém do pensar junto, com, em meio a pintura e não só sobre ela, envolvendo-se com diferentes elementos que a constituem, material e imaterial, teórico e prático. Apresento diálogos possíveis realizados no âmbito investigativo e formativo, como maneira de experienciar o ateliê de pintura junto ao conceito de artista professor investigador, que alimenta-se dos movimentos que acontecem entre as práticas artísticas e pedagógicas para reinventar-se, a fim de transgredir o ensino enquanto sujeito em prática de si. As explanações refletem as experiências investigativas e pedagógicas realizadas pela autora durante o período formativo da Pós-Graduação em Artes Visuais no ateliê de pintura.

Palavras-chave: Artista professor; Pensar pintura; Apotheke, John Dewey, Experiência.

APOTHEKE/DEWEY AND THE PAINTED THOUGHT AS INVESTIGATIVE AND FORMATIVE ACTION

ABSTRACT: The text presents reflections on the construction of pictorial thinking, in the midst of the painting studio and the development of aesthetic practice of the teaching artist, situated in the investigative context of the Painting Studio Group Apotheke. The thinking of painting comes from thinking together, with, in the midst of painting and not only about it, involving itself with different elements that constitute it, material and immaterial, theoretical and practical. I present possible dialogues carried out in the investigative and formative sphere, as a way to experience the painting atelier together with the concept of the investigating artist-teacher, who feeds on the movements that take place between artistic and pedagogical practices to reinvent himself, in order to transgress

¹ Texto realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). O presente texto possui extratos que foram apresentados no II Encontro da Rede Visível – UEL, Londrina/PR, 2019.

² Doutora e Mestre em Artes Visuais pela UDESC. Bacharelado em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria/RS - UFSM e Licenciatura em Artes Visuais pelo Claretiano/SP. Integrante do Grupo de Pesquisa Entre Paisagens, CNPq/UDESC, membro do Grupo Estúdio de Pintura Apotheke, UDESC e do Projeto de Pesquisa O estúdio de pintura como laboratório de ensino e aprendizagem em Artes Visuais, UDESC/CNPq, no momento em cooperação internacional com FBAUL/ULisboa, onde desenvolve investigação de Pós-Doutoramento. Integra, também, a equipe editorial da Revista Apotheke UDESC/PPGAV, ISSN: 2447-1267. Desenvolve pesquisa sobre ensino de pintura e formação docente, com experiência nas áreas de pintura, desenho, gravura, performance e objetos. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7820911643666261>, E-mail: martafacco@hotmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7641-8951>.

teaching as a subject in the practice of himself. The explanations reflect the investigative and pedagogical experiences carried out by the author during the formative period of the Graduate Program in Visual Arts in the painting studio.

Keywords: Teaching artist; Thinking painting; Apotheke, John Dewey, Experience.

APOTHEKE/DEWEY Y EL PENSAMIENTO PINTADO COMO ACCIÓN INVESTIGADORA Y FORMATIVA

RESUMEN: El texto presenta reflexiones sobre la construcción del pensamiento pictórico, en medio del estudio de pintura y el desarrollo de la práctica estética del artista docente, situado en el contexto investigativo del Estudio de Pintura Grupo Apotheke. Pensar la pintura, surge de pensar junto, con, en medio de la pintura y no sólo sobre ella, involucrándose con los diferentes elementos que la constituyen, materiales e inmateriales, teóricos y prácticos. Presento posibles diálogos realizados en el ámbito investigativo y formativo, como forma de vivenciar el taller de pintura junto al concepto de artista-profesor investigativo, que se alimenta de los movimientos que se producen entre las prácticas artísticas y pedagógicas para reinventarse, para transgredir la enseñanza como sujeto en práctica de sí mismo. Las explicaciones reflejan las experiencias investigativas y pedagógicas realizadas por el autor durante el período formativo del Posgrado en Artes Visuales en el taller de pintura.

Palabras clave: Artista docente; Pensar la pintura; Apotheke, John Dewey, Experiencia.

A pintura é o lugar do pensamento do visível: o lugar em que o visível se pensa. Investigar em pintura é procurar o vestígio do ainda-não-visível. Criar (visualmente) é tornar visível o próprio facto de que há visível (e podia não haver). [...] Ver num exemplo existente o vestígio do que não existe: eis a essência da investigação artística.

Tomás Maia, 2017.

Aproprio-me das palavras do pesquisador e professor da Faculdade de Belas Artes de Lisboa (FBAUL/ULisboa), Tomás Maia, publicadas no livro *Pensar o fazer da pintura: 31 teses sobre investigar e criar em pintura*, para inaugurar as reflexões sobre o pensar pintura como possibilidade investigativa e formativa. Visto que, ao observar o conjunto de ações envolvidas neste movimento, a investigação pictórica torna-se um ato potente, tanto para a criação artística como para a criação de práticas pedagógicas.

Pensar pintura designa pensar com a pintura, junto à pintura, em meio à pintura, e não só sobre ela; portanto, uma investigação pictórica está relacionada ao envolvimento direto com os elementos que a constituem, sua construção imagética, histórica, crítica, filosófica, política, analítico-estrutural, material, procedimental e fenomenológica. Em outras palavras, pensar pintura significa envolver-se com diferentes campos de investigação, instaurando processos experienciais capazes de nos mover em direção à experiência estética. Logo, pensar pintura pode ser compreendido como um transitar

entre o espaço da prática enquanto investigação teórica (ou vice-versa), construindo relações possíveis para alimentar esse “pensamento pintado”³.

Enquanto pesquisadora interessada na linguagem da pintura, desenvolvendo processos criativos nesta área há mais de vinte anos, busco diálogos possíveis para pensar esta produção como ação investigativa e formativa, através dos movimentos instaurados entre o pensar, o fazer e o refletir, provocados pela processualidade da pintura, os quais propiciam experiências significativas para as práticas artísticas e docentes.

Os apontamentos citados são fundamentados a partir das experiências vivenciadas junto ao grupo Estúdio de Pintura Apotheke, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com o qual compartilho pesquisas e aprendizados na área de Arte e Arte Educação desde 2015. Estas experiências culminaram em uma pesquisa de mestrado e um doutoramento em Artes Visuais, olhando para a própria produção pictórica e as possibilidades que emergiam desta prática, para pensar a construção docente (ser artista professora) e a processualidade da pintura enquanto campo de investigação e formação.

O Estúdio de Pintura Apotheke⁴ configura-se em um Projeto de Extensão criado em 2014 pela Prof.^a Dr.^a Jocielle Lampert, junto ao Programa de Extensão da UDESC, que desenvolve trabalhos de pesquisa e extensão universitária. As ações do grupo são coordenadas pela professora, e seus participantes são estudantes de graduação e pós-graduação, professores e pessoas da comunidade (acadêmica e fora dela), interessados no exercício da prática pictórica como um movimento possível para investigar e debater os processos de ensino e aprendizagem em Arte, os quais envolvem a articulação entre as práticas artística e pedagógica.

O Apotheke possui raízes teóricas nos pressupostos do filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952), bem como na concepção de que as experiências são uma negociação consciente entre o sujeito e o mundo, sendo, portanto, parte da vida; assim, não há experiência mais intensa do que a da arte, pois arte e vida não se separam (DEWEY, 2010). Com isso, o livro *Art as Experience* do mesmo autor, lançado em 1934, é uma das publicações com maior relevância, dentre a sua vasta produção, para o desenvolvimento das pesquisas e ações do grupo, visto que aponta para a reflexão sobre as práticas artística e filosófica, relacionadas às coisas inerentes ao sujeito, como impulsionadoras da experiência estética e essencial na construção de um pensamento visual e estético. As teorias filosóficas de Dewey influenciaram muitos pesquisadores, assim como as teorias pedagógicas da Escola Experimental de Arte dos Estados Unidos, a *Black Mountain College*, fundada em 1933, a qual ressoa, até hoje, na prática pedagógica de muitos professores.

As práticas desenvolvidas pelo Grupo Apotheke reconhecem o estúdio de pintura como um laboratório de ensino e aprendizagem em Artes Visuais. Isso proporciona aos seus integrantes um movimento de produção poética e filosófica, articulando o saber/fazer da prática artística ao ser/estar professor de Artes Visuais, concebendo, com isso, o estúdio de pintura como tempo-espaço de criação para o artista professor.

Exemplificando, uma das propostas desenvolvidas pelo Apotheke é a aula-ateliê, que acontece no contexto do estúdio de pintura, lugar onde desenvolvo minhas pesquisas pictóricas. O ambiente propicia aos participantes um movimento de experimentação de materiais e procedimentos, no qual o professor ministrante cria desafios lançados como proposta de trabalho. Nesse âmbito, o desafiado busca encontrar suporte técnico, prático, pedagógico e filosófico para a processualidade dos trabalhos.

A aula-ateliê posiciona-se como um espaço de deslocamento, no sentido de mudança nos modos de ver/olhar/sentir, onde a instância entre artista e professor, professor e pesquisador, professor e aluno,

³ Termo empregado por Marcelin Pleynet no texto *Matisse: luxo, calma e volúpia* (ARTEPENSAMENTO, 1994), com tradução de Paulo Neves, para falar sobre a reflexão necessária no modo de organização e manifestação de uma pintura.

⁴ Para saber mais sobre o Estúdio de Pintura Apotheke, consulte: <https://www.apothekeestudiodepintura.com>.
R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.10, n.1, p. 166 – 173 Jan.- Jun. 2023

teoria e prática, experiência e informação, real e imaginário, corpo e representação, forma e conteúdo, conhecimento e ação correspondem à transdução (trânsito de ações) que o sujeito faz em busca de um devir (vir a ser) na construção de si e das práticas que exerce. Esse devir é entendido como uma busca constante pela capacidade de defasar-se, modificar-se, transgredir-se, tecendo redes e conexões para escapar da inércia.

As práticas desenvolvidas pelo Grupo Apotheke, assim como a proposta da aula-ateliê, são formas relevantes para pensar o exercício da experiência estética, pois o pensamento reflexivo sobre as experiências apreendidas durante o processo criativo é propiciado durante as práticas. Dewey evidencia a relevância em compreender o processo como essencial no aprendizado, e a busca pela percepção e reflexão como fundamentais na construção do sujeito. Uma apreensão baseada na experimentação, na qual, a partir da percepção, imaginação e experiência, faz-se o ajuste da consciência (DEWEY, 2010). Essa experiência se faz de um vínculo entre teoria e prática, promovendo uma interação entre ideia e ação, propiciando uma concepção de conhecimento pelo caminho do ‘agir agindo’ e de um ‘fazer fazendo’, criando experimentações que possibilitem as experiências estéticas, as quais proporcionam condições críticas e reflexivas relevantes para a Educação em Artes Visuais.

Assim, o espaço do ateliê de pintura, também, poderá ser compreendido como lugar de ensino e aprendizagem na prática do olhar, um lugar de potência como eixo gerador de um conhecimento que não perpassa somente pelo ensino técnico, mas também pelo senso estético que promove um lugar de mobilidade de forças, “[...] não como um local de armazenamento de informações, mas um processo dinâmico que se modifica com o tempo” (SALLES, 2006, p. 19). Um lugar onde as experiências estéticas se sobrepõem e se justapõem, consecutivamente, gerando movimentos significativos para o processo criativo em Arte.

Para o Grupo Apotheke, propor conexões entre as práticas artísticas e os saberes pedagógicos, considerados como essenciais na Educação para a construção da subjetividade do artista professor pesquisador, é compreender um lugar de significação para o sujeito em prática. Pois é por meio das experimentações provocadas pelas conexões que se instauram possibilidades de experiências que propiciem estados de singularidades através de redes oferecidas pelo processo criativo, um pensamento criante de conexões. Conexões que colocam o sujeito na prática, na qual o fazer é o fazer das possibilidades oferecidas pela experiência das propostas em consonância ao processo criativo. Redes que se interligam promovendo *rizomas* entre o pensamento da práxis e a atuação em sala de aula.

A ideia dessa articulação seria a de compreender essas duas instâncias (artística e pedagógica) como uma engrenagem, na qual uma é imbricada na outra, funcionando conjuntamente, uma afetando a outra, criando experiências significativas. A aula-ateliê, assim como as ações desenvolvidas pelo Estúdio de Pintura Apotheke, cria a possibilidade de experiências estéticas através da maneira como cada um recorta e coleciona fragmentos do mundo durante os seus processos. É nossa memória material dos movimentos de acumulação e significação do que nos é particular, e de entender como somos afetados pelo mundo que nos cerca.

Refletindo sobre o processo criativo, instaurado pelas ações do grupo e a relação com as experiências estéticas, identificamos movimentos constantes de forças que se atualizam a todo o momento, o que sempre possibilita uma nova escolha, uma mudança de direção. O processo de criação em Arte e Arte Educação, como um processo de experimentação no tempo, configura-se em uma constante apreensão de conhecimento, pois garante ao sujeito em prática de si, por meio de suas escolhas, reinventar-se a todo o instante, buscando outras possibilidades para os problemas apresentados e apreendendo, assim, novas maneiras de fazer aula, fazer obra, e de ver/olhar/sentir o mundo onde vive.

Portanto, é possível dizer que o Estúdio de Pintura Apotheke, como espaço formador, propicia aos seus participantes contingência para articularem suas noções, tanto de Arte quanto de Educação, às práticas estético-reflexivas. Traça um percurso de estudo e pesquisa em que a essência da experiência

estética, tal como concebida por Dewey, está no significado estritamente localizado dentro de um processo transacional, entre o fazer e o pensar, assim como o ensinar, na perspectiva da filosofia da experiência para a Educação, só podendo acontecer em transação entre filosofia e prática (WOSNIAK, 2019). Ou seja, as propostas de uma educação visual através da experiência estética, como difundidas no Apotheke, não acontecem sem que a experiência do artista e do professor ocorra de maneira única neste espaço, entre o que é geralmente definido como prática e filosofia.

Nesse sentido, o espaço do ateliê de pintura é compreendido como um lugar em que o conhecimento é derivado da experiência e a ênfase é dirigida para o processo de criação, o que leva seus integrantes a pensar mais sobre onde e como a aprendizagem acontece. O modo como os participantes do Grupo Apotheke experienciam o movimento do ensinar e apreender Artes Visuais parte do espaço do ateliê, onde a interação com o meio acontece de forma particular mediante experiências estéticas significativas de cada um, experienciadas pela relação entre prática e teoria, proposta pela filosofia da arte como experiência (DEWEY, 2010), instaurada entre o agir e o pensar.

As práticas de ateliê advêm de um pensar a pintura e suas relações com o ambiente onde estamos inseridos, nossas particularidades, ideias, vontades e desejos. É um pensar Arte e Educação a partir das nossas experiências estéticas, criando possibilidades de potências criativas singulares através da pesquisa em, sobre e com arte.

Contudo, as pesquisas que desenvolvo na área de Artes Visuais trazem o olhar criativo e investigativo provocado pela experiência das propostas vivenciadas junto ao Grupo Apotheke, de observar a produção pictórica como potência criativa e investigativa, alimentada pela metodologia operativa do próprio ateliê de pintura.

O trabalho investigativo de pensar pintura, em meio às práticas do ateliê, propicia a conexão com os saberes da linguagem pictórica, reverberando em potência investigativa. Assim, é do interior do ateliê que se cria a pesquisa acadêmica, as proposições para a docência em Arte e os desdobramentos experimentais do processo artístico.

Pensar pintura apresenta-se como uma proposição experiencial para criar possibilidades de investigação, ‘invenção’ e compartilhamento de saberes. O fazer da pintura, enquanto construção teórico/prática, faz parte de um campo expandido do pensamento, pois é também conceito vivenciado e praticado como ação transformadora, pois participa de todas as camadas deste pensar.

Ao apresentar o termo pensar pintura como um pensar com e junto à pintura, coloco-me como sujeito em prática, buscando desdobramentos pertinentes para construir meu “ser” docente (artista professora pesquisadora), reiterando a produção pictórica como eixo norteador dos processos. A produção pictórica caminha justaposta e sobreposta à construção docente, alimentando-se das investigações instauradas durante essa transdução (ação de transitar) subliminar.

Com isso, o “pensamento pintado” torna-se ação investigativa e formativa, pelo viés das práticas experienciadas no Estúdio de Pintura Apotheke. As pesquisas que desenvolvi no âmbito da Pós-Graduação em Artes Visuais são parte da experiência viva e processual da qual fala Dewey, quando criar sua própria experiência é perceber o ato consumado como potência, que é mais do que simplesmente reconhecê-lo (2010), mas ser transformado por ele.

A processualidade de pensar pintura como investigação teórico/prática advém dos movimentos proporcionados pelo processo criativo instaurado no ateliê de pintura, que é capaz de criar instâncias relevantes para os processos artísticos, como também para as práticas pedagógicas, através dos movimentos de percepção, reflexão e experimentação desenvolvidas neste espaço.

O espaço do ateliê de pintura, para o Grupo Apotheke, torna-se potência criativa, investigativa e reflexiva, quando convoca os saberes teóricos, práticos, técnicos e filosóficos para elucidar os saberes pedagógicos. Das experiências propiciadas e consumadas entre os integrantes do grupo, surgem pesquisas em Arte e Arte Educação, com o propósito de buscar diferentes maneiras de articular o processo criativo e a prática docente, como as pesquisas desenvolvidas pela autora.

A maneira como articulo as pesquisas em/sobre/com a pintura advém da metodologia operativa provocada pelo próprio ateliê, onde busco pensar pintura enquanto exercício consciente da experiência, o qual é instaurado por questionamentos, embates, dúvidas, curiosidades e descobertas sobre procedimentos e conceitos – ocasionados por leituras, debates com colegas, experimentações, entrevistas com artistas professores e escritos de artistas.

A pintura enquanto processualidade é capaz de (re)construir e (re)organizar os “pensamentos pintados”, a fim de propiciar, durante o trabalho investigativo, o surgimento de boas conexões. Visto que os embates constantes entre as concepções de pintura e as construções pictóricas resultantes de seu enfrentamento tornam-se norteadores da busca incansável pelo que realmente se acredita ser a pintura, o produto da experiência.

Todavia, diria que pintar é nomear as cores como interlocutoras do que não há no mundo das palavras, ou pelo menos que não pode ser traduzido oralmente, mas pode ser materializado através da linguagem visual sensível; “é pensamento que se pode ver”⁵, como diz Philippe Sollers (ARTEPENSAMENTO, 1994, p. 319). Esse pensamento é compreendido como um diálogo estabelecido entre o artista e o material, que congrega uma comunicação não verbal rica em por menores.

Essa narrativa costuma movimentar diálogos internos e externos, em um constante enlace dentro/fora, causando estranhamentos e problematizando relações pertinentes ao seu contexto. O que torna a ação artística viva e processual é justamente a busca por encontrar o território de cada código visual, para construir novos sentidos e maneiras de falar sobre um assunto ou tema, angariando com isso um universo sucessivo de idas e vindas através do (des)fazer/(re)descobrir/(re)inventar. Entretanto, o artista está sempre em reconstrução de si e de sua matéria exploratória, tornando-se um contínuo pesquisador de si e do mundo.

Toda a matéria pictórica manipulada carrega consigo uma memória impregnada de seu manejo, que implica na construção das camadas deste fazer. Essas sobreposições de camadas matéricas, conceituais, filosóficas e estruturais advém primeiramente do olhar perceptivo sobre o que lhe interessa, que é muito mais do que reconhecer algo, ou simplesmente olhar para algo ou algum lugar. Dewey diz que “ver, perceber, é mais do que reconhecer” (2010, p. 91), pois está atrelado ao apreender, que é compreender o observado em sua integridade. Isso envolve todos os sentidos e está concomitantemente relacionado às nossas experiências anteriores.

Tais experiências precedentes são responsáveis por inspecionar os impulsos desejantes do artista, fazendo com que seu foco de interesse (tema, assunto, imagem, material, conceito ou procedimento) seja impregnado das camadas que o constitui, como se não fosse possível escapar de sua própria história ou condição. Talvez isso seja realmente o que nutre o pensamento do artista; portanto, relaciona-se com a atração imagética que Marco Giannotti (2009) chama de “dimensão trágica da imagem”, que é o deslumbramento pelo estranhamento, pela imagem cotidiana de nossas ações em uma interpretação trágica da vida comum, com todos os estigmas que esta comporta. No soterramento de imagens a que somos acometidos todos os dias, nosso olhar seletivo organiza o que nos interessa, a partir das experiências desenvolvidas *a priori*, armazenadas em nossa memória impregnada de vivências, lembranças e sensações, priorizando a dramaticidade contida nessa imagem.

Essa “dimensão trágica” contida na imagem é que me impulsiona a construir processos pictóricos. São as experiências anteriores agindo sobre a matéria manipulável, a fim de propiciar experiências singulares em Arte. Com isso, não basta reproduzir a imagem capturada por algum dispositivo tecnológico. Necessito resignificá-la, oferecendo sentido ao que foi capturado, por intermédio de uma poética própria que explore possibilidades cromáticas capazes de comportar tal dramaticidade,

⁵ Fragmento do ensaio que o escritor francês Philippe Sollers (1936-) dedicou ao pintor americano James Bishop (1927-2021), contido no livro *La peinture et son sujet*, Paris, 1965.

promovendo, com isso, conseqüentemente, uma reinvenção e reconstrução de si a cada trabalho proposto.

O “pensamento pintado” que proponho como uma possibilidade de investigação e formação, na verdade, é o próprio pensar pintura agindo sobre os processos artísticos e docentes do sujeito em prática. O processo criativo em pintura permite ao artista professor pesquisador movimentar-se por diferentes instâncias da Arte e Arte Educação, buscando acessar saberes artísticos e docentes, mediante a processualidade de pensar com a pintura.

Minhas experiências junto ao Grupo Apotheke, assim como as concepções filosóficas de John Dewey, propiciam articulações relevantes entre a docência e o processo artístico, construindo percursos significativos para pensar o tempo/espaço da prática artística como potência de pesquisa.

A produção pictórica impulsiona e edifica o meu pensar pintura e as relações com as práticas pedagógicas, construindo uma docência em Arte no viés conceitual do artista professor. Isso busca aproximar da sala de aula as práticas artísticas, como estratégia de relacionar teoria e prática à construção de conhecimento.

Compreende-se que ser artista professor advém de uma construção identitária que se efetiva na ação pedagógica e não em uma formação dual. Assim, é no fazer, refazer, desfazer e reinventar modos de fazer o ensino, servindo-se de estratégias e experiências dos processos artísticos que constroem o ser artista professor (FACCO, 2022).

A identidade conceitual do artista professor, difundida pelo Estúdio de Pintura Apotheke, não depende de uma dupla formação, pois não é garantia para tal. Sua identidade é formada através de uma atitude filosófica perante os processos de ensino e aprendizagem, os quais norteiam os procedimentos utilizados em sala de aula (WOSNIAK, 2019). Tais procedimentos priorizam a criação de experiências pela aproximação do ateliê à sala de aula, propiciando uma integração entre Arte e Educação.

Compreende-se, então, o artista professor como alguém que se alimenta dos processos de fazer arte e fazer aula em uma via de mão dupla, sendo que, por essa transdução, constrói seus processos e saberes artísticos e docentes. As camadas que o constitui são amalgamadas através do trânsito entre o ateliê e a sala de aula, configurando sua identidade estratificada em um modo de ser/estar artista professor.

Considerações finais

Concebendo o artista professor como um sujeito que transita entre práticas artísticas e docentes, alimentando-se desses processos, acrescenta-se que o “pensamento pintado”, desenvolvido por meio do pensar pintura, torna-se ação criativa, investigativa e formativa, através do exercício constante da experiência estética, propiciado pela instauração de um processo criativo experiencial. De acordo com as concepções do Apotheke e desta autora, o ateliê de pintura é o lugar onde esses movimentos acontecem e onde os sujeitos em prática de si têm a possibilidade de reinventar-se para transgredir o ensino, repensando, com isso, suas práticas artísticas e pedagógicas.

As investigações desenvolvidas pela autora no âmbito da pós-graduação em Artes Visuais transitam entre a docência em Arte e o ensino de pintura, sustentados pelo pensar pintura que envolve estar em meio a pintura, como prática artística, teórica e filosófica, para construir outras reflexões que possibilitem novas paisagens.

Contudo, pensar pintura também pode ser visto como uma maneira de transgredir a si mesmo e a forma de pensar o próprio ensino, como uma possibilidade de mover-se em busca do devir da diferença na maneira de ver/agir/sentir o ensino de pintura e à docência em Arte.

Por fim, pensar pintura é construir “pensamentos pintados” que impulsionem as ações do artista professor pesquisador, servindo de instrumento realizador e transformador da experiência estética.

Neste caminho, a investigação pictórica torna-se um ato de resistência em favor do exercício da liberdade criativa e inventiva.

REFERÊNCIAS

ARTEPENSAMENTO. Aduino Novais (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FACCO, Marta Lucia Cargnin. O Ateliê de Pintura e os Documentos de Trabalho: Um Pensamento Criante em Ação. *Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais – Art&Sensorium*, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 074-085, nov. 2019. ISSN 2358-0437. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/2956>. Acesso em: 14 nov. 2021.

FACCO, Marta Lucia Cargnin. *O ensino de pintura nos cursos de Artes Visuais nas universidades públicas brasileiras em tempo de pandemia*. 2022, 259 f. - Tese de Doutorado em Artes Visuais – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2022.

GIANNOTTI, Marco. *Breve História da Pintura Contemporânea*. São Paulo: Claridade, 2009.

MAIA, Tomás. O vestígio da luz (sobre investigar e criar em pintura). In: *Pensar o fazer da pintura: 31 teses sobre investigar e criar em pintura*. Porto: Editora Afrontamento, 2017. p. 382-389.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes de Criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Horizonte, 2006.

WOSNIAK, Fábio. *Experiência Formação Docente Artes Visuais*. 2019. 244 f. – Tese de Doutorado em Artes Visuais – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2019.